

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O HABITUS DO VAMPIRO: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE DALTON TREVISAN NO CAMPO LITERÁRIO BRASILEIRO

João Victor da Silva Simião

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13320>

Submetido em: 2025-09-10

Postado em: 2025-09-17 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

O HABITUS DO VAMPIRO: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE DALTON TREVISAN NO CAMPO LITERÁRIO BRASILEIRO

João Victor da Silva Simião

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3477-1408>

<victorsimiao1@gmail.com>

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná (PR), Brasil

RESUMO: O presente artigo buscou analisar a construção *habitus* do escritor brasileiro Dalton Trevisan no campo literário brasileiro, a partir da vida dele, bem como por meio de entrevistas e reportagens feitas com e sobre ele. Os principais materiais selecionados vão de 1968, quando o autor ganhou um prêmio dado pelo Governo do Paraná, a 2015, quando dos 90 anos do contista. O objetivo foi ver como o curitibano construiu a trajetória por meio das tomadas de posições ao longo de sua vida e como isso foi registrado na imprensa, perpetuando, assim, uma trilha contrária ao comum no percurso de grandes nomes da literatura nacional. Por meio de autores como Bourdieu, Sapiró e Casanova, apresentamos o que é um campo social, os capitais simbólicos, bem como a maneira pela qual Trevisan se constitui como um mito de alguém recluso, embora ela sempre tenha acompanhado toda e qualquer movimentação relativa a ele.

Palavras-chave: Dalton Trevisan, habitus, campo literário, sociologia da literatura, literatura brasileira.

THE VAMPIRE'S HABITUS: A SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF DALTON TREVISAN IN THE BRAZILIAN LITERARY FIELD

ABSTRACT: This article aimed to analyze the construction of Brazilian writer Dalton Trevisan's habitus within the Brazilian literary field, based on his own life, as well as through interviews and reports with and about him. The main materials selected range from 1968, when the author won an award from the Paraná State Government, to 2015, the short story writer's 90th birthday. The objective was to examine how the Curitiba native constructed his trajectory through the positions he took throughout his life and how these positions were recorded in the press, thus perpetuating a path contrary to the usual trajectory of great names in Brazilian literature. Through authors such as Bourdieu, Sapiró, and Casanova, we present the definition of a social field, symbolic capital, and how Trevisan constitutes herself as a myth of a recluse, despite always being a part of every movement related to it.

Keywords: Dalton Trevisan, habitus, literary field, sociology of literature, brazilian literature.

INTRODUÇÃO

O curitibano Dalton Trevisan (1925-2024) é reconhecidamente um dos mais – senão o mais – importante contista brasileiro. Ganhador de quatro prêmios Jabuti de contos, ele também já recebeu a maior distinção literária em língua portuguesa: o Prêmio Camões. Desde que estreou oficialmente na literatura, em 1959 quando lançou “Novelas nada exemplares”, foram quase 70 anos de carreira. O

que o chamado “Vampiro de Curitiba” falou aos jornais sobre esses itens que lhe dão respaldo como escritor? Pouco, muito pouco, proporcionalmente. Desde o final dos anos 1960, Trevisan não deu entrevista oficialmente. De maneira extraoficial, a última, ao menos até onde se sabe, foi publicada no jornal O Estado de S. Paulo ainda nos anos 1970. O jornalista responsável não informara a Trevisan que a conversa seria exposta. Depois, teve falas publicadas em momentos esparsos, às vezes reagindo à imprensa ou mesmo dizendo que não era o contista. Ele morreu em 09 de dezembro de 2024, aos 99 anos.

Diferentemente de outros escritores, o contista fez uma trajetória no campo literário brasileiro *sui generis*, inserindo-se por meio de uma estratégia diferente, perpassando a estratégia de não aparecer, mesmo enquanto aparecia – ele não dava entrevista, não ia receber prêmios, mas ainda assim falavam dele. Bourdieu (2005), Casanova (2002) e Sapiro (2023) nos auxiliam quando pensamos quanto à tomada de posição no espaço/campo da literatura, algo está em constante disputa. Parece-nos que Trevisan fez uma trilha contrária ao comum como autor, tendo um *habitus* (BOURDIEU, 2005) próprio, que analisemos posteriormente. Conforme Sapiro, a “literatura não pode ser reduzida a determinantes sociais, econômicos ou políticos. É uma atividade com leis próprias, desafios específicos e princípios de consagração, relativamente autônomos de constrangimentos externos” (2023, p. 47)¹. O escritor, parece-nos, sabia muito bem disso.

Autor de quase 40 livros, o curitibano escreveu que o que pensava ou dizia como pessoa não tinha valor. “Nada a dizer fora dos livros. Só a obra interessa, o autor não vale o personagem. O conto é sempre melhor que o contista” (MONTEIRO, 2013, p. 62). Não é possível acreditar nessa afirmação. É por duvidar do escritor – ao menos no que diz respeito à (não) importância do autor – que produzimos este artigo. O questionamento à afirmação de Trevisan, vale registrar, pôde ser feito a partir de outra fala dele próprio. Nos anos 1960, o Vampiro de Curitiba sentenciou: “O escritor é uma pessoa que não merece nenhuma confiança nenhuma” (TREVISAN apud VILELA, 1968).

Levando-se em conta que o escritor não merece nossa confiança, procuramos compreender qual foi o caminho para construção do *habitus* de escritor de Dalton Trevisan a partir de seus capitais simbólicos e tomadas de posição no campo – e quem nos ajuda a analisar as escolhas é, entre outros

¹ O original é: “literature cannot be reduced to social, economic, or political determinants. It is an activity with its own laws, specific stakes, and principles of consecration, which are relatively autonomous from external constraints”. A tradução é nossa.

autores, Bourdieu (2005, 2011). Neste artigo, apresentamos a constituição da imagem dele em jornais, a partir daquilo que ele falou a repórter – e também o que os jornalistas falaram.

Passemos, então, a apresentação aos objetos analisados. Foram escolhidos sete materiais que são apresentados agora: 1) Gazeta do Povo, em publicação de junho de 1968, em que Trevisan fala sobre um prêmio recebido; 2) Diário do Paraná, que consideramos a primeira entrevista de fato do autor, também em 1968; 3) Jornal da Tarde, a segunda entrevista de fato, no mesmo ano das duas anteriores; 4) Revista Status, em 1970, e 5) O Estado de S. Paulo, em 1972, duas das quais Trevisan não ficara sabendo de antemão que as conversas seriam publicadas; 6) Folha de S. Paulo, quando um grande jornal falou sobre os 90 anos do autor, em 2015; 7) especial feito pelo jornal Gazeta do Povo quando o autor comemorou 90 anos, mesmo Dalton não tendo falado nada ao veículo. Foram produzidos mais de 10 textos, entre análises e reportagens, sobre o Vampiro no jornal. Aqui, consideramos o conjunto do material do veículo curitibano, não cada um de forma isolada.

O foco, como ficou claro, esteve nesses materiais. Quando necessário, para subsidiar a produção deste artigo, permitindo a compreensão da ideia de *habitus*, campo e capital, também nos utilizamos de outras produções – acadêmicas e audiovisual, inclusive, de períodos diferentes. E o fato de o autor ter morrido em 2024 e que teria completado 100 anos em 2025 trouxeram novos dados que apresentaremos na conclusão.

Nós escolhemos os três primeiros materiais porque foram as primeiras palavras do escritor Dalton Trevisan aos jornais, como escritor. Elas foram veiculadas entre junho e julho de 1968. Na ocasião, Dalton acabara de ganhar o primeiro Concurso Nacional de Contos, ação promovida pela Fundepar (Fundação Educacional do Paraná) e decidiu falar sobre. A fala dada por Trevisan à Gazeta do Povo (ANDREOLLI, 2012) nós não chamaremos de entrevista porque, em nosso ver, foi um registro de um autor que acabara de ganhar um concurso: o texto produzido, apesar de ter sido o primeiro a registrar a fala de Trevisan, é simples, se comparado aos outros, os quais chamamos de entrevista de fato.

Mesmo já tido recebido o reconhecimento da crítica pelos livros, Dalton Trevisan nada declarara à imprensa antes de 1968, como autor, de fato. Por conta da vitória do prêmio em 1968, falou com três jornais diferentes, segundo nosso levantamento. E se mostrou feliz. Já as reportagens dos anos 1970 indicam Trevisan que voltou a ser quem sempre fora: um escritor que não queria falar com jornalistas. O sexto material escolhido foi produzido pela Folha de S. Paulo por conta dos 90 anos do autor, comemorados em junho de 2015. O jornal enviou um repórter a Curitiba para tentar entrevistá-lo. O jornalista não obteve sucesso, mas publicou o que Trevisan lhe dissera quando se

negou falar. A produção especial da Gazeta do Povo, por fim, faz um balanço da história de Trevisan na literatura brasileira, que serviu para nos mostrar qual a imagem que ficou do escritor que, com raras exceções, não quis falar com a imprensa.

Dalton Trevisan é um contista do nosso tempo (CONY, 2008). Lê-lo é compreender o que acontece fora da propaganda oficial (RUPP, 2015). Mas o quê e como fazer para descobrir qual é a imagem de Trevisan em um período de quase 60 anos? É o que nos propusemos aqui. Como o trabalho buscou entender o *habitus* dele e o campo em que Trevisan está inserido a partir de publicações na imprensa, tratou-se de uma pesquisa bibliográfica. A análise de conteúdo foi escolhida para ser a ferramenta de trabalho porque, por meio dela, podem-se realizar inferências às ideias dos autores e compreender o que aquilo, de fato, significa (FONSECA JÚNIOR, 2006).

O objetivo geral do artigo foi o de investigar como se construiu a trajetória do escritor Dalton Trevisan por meio dos conceitos *habitus* e campo de Pierre Bourdieu (2005). De modo específico, procuramos entender como ele fez para constituir essa imagem a partir do que falou à imprensa, observando, claro, a constituição de vida dele, a partir da formação, constituição de capitais simbólicos e afins.

Em um primeiro momento, apresentamos a biografia de Trevisan. Depois, os conceitos científicos que subsidiam a produção. Em seguida, elencamos categorias para a análise dos conceitos de *habitus* e campos. Ao final, apresentamos as nossas conclusões. Importante já registrar que a qualidade literária do autor não é discutida aqui.

1 - DALTON TREVISAN: O VAMPIRO DE CURITIBA

Dalton Jéerson Trevisan nasceu em Curitiba, no dia 14 de junho de 1925. Filho de uma família de classe média, proprietária de uma fábrica de vidros e de outros negócios na capital paranaense, formou-se em Direito na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pouco exerceu a profissão de bacharel; atuou como jornalista e como o responsável pela empresa da família. Além disso, publicou cerca de 40 livros – muitos deles presentes em qualquer lista série de obras importantes da literatura brasileira no século XX e XXI. Entre os mais conhecidos estão “Novelas nada exemplares”, de 1959; “Cemitério de elefantes”, de 1964; “O vampiro de Curitiba”, de 1965.

O fato de ter nascido em uma família tradicional na capital do estado, bem como o de ter acesso a um curso de nível superior coloca o escritor como alguém constituído por meio de capitais

simbólicos como econômico e social. Segundo Bourdieu (2005; 2011), itens de distinção em campos como literário e o intelectual.

Ainda nos anos 1940, ele fundou a revista “Joaquim” – “em homenagem a todos os Joaquins do Brasil” -, que foi bem recebida: figurões à época como Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes colaboraram enviando textos ao periódico, marcando, então, o início de trocas de cartas entre o curitibano e autores já estabelecidos no campo literário brasileiro. A publicação, editada por Trevisan, também trouxe traduções de autores como Franz Kafka, inéditos do próprio contista, além de capas de artistas como Di Cavalcante e Poty. Foram 21 edições entre 1946 e 1948. Nessa mesma época, Dalton publicou dois livros em edição própria, que depois renegaria: “Sonata ao Luar” (1945) e “Sete Anos de Pastor” (1946).

Essa fase de formação, com a utilização dos capitais simbólicos, foi essencial no projeto de Trevisan, mesmo que de forma inconsciente. Bourdieu (2005) lembra que os detém, tem vantagens no campo:

De maneira geral, são os mais ricos em capital econômico, em capital cultural e em capital social os primeiros a voltar-se para as posições novas (proposição que se verifica, parece, em todos os campos, na economia quanto na ciência). (BOURDIEU, 2005, p. 295).

Já está claro, portanto, que a inserção do contista no campo literário brasileiro se deu por meio dos próprios capitais e bem como a criação de um espaço próprio para a difusão de suas ideias. Em vez de, talvez, tentar entrar em um espaço já estabelecido, ele buscou fazer do espaço dele algo para ser visto e reconhecido pelos outros (a revista Joaquim), tornando-se, assim, um detentor de poder simbólico, de decisão quanto a quem poderia publicar ou não no periódico editado por ele, bem como já estabelecendo contato com nomes importantes da literatura brasileira à época.

Há que se lembrar também que, ainda hoje, o centro cultural brasileiro está no Sudeste, e o fato de Trevisan conseguir chamar a atenção para o sul, ainda mais naqueles anos, foi um feito extraordinário. Na comemoração dos cem anos do autor, em 2025, muito se falou sobre a “Joaquim” ter sido um marco para o Brasil. Havia algo de vanguarda no contista, mesmo vivendo fora do chamado grande centro.

Trevisan ficou conhecido pelo apelido Vampiro de Curitiba em razão de um livro com o mesmo título, lançado em 1965 e que, ao longo dos anos, tornou-se livro de leitura obrigatória em vestibulares pelo Brasil – há quem faça uma leitura errada de que foi por conta desse livro que o curitibano se estabeleceu no campo. Ajudou, claro, mas ouve uma trajetória feita antes disso. Vejamos.

Depois da Joaquim, dos livros independentes, ele lançou o que considerou o primeiro livro dele em 1959, o já citado “Novelas nada exemplares”, por uma casa editorial importante, a José Olympio, ganhando o Jabuti em 1960, na primeira edição do prêmio. Era, portanto, a consagração de um escritor de fora - Bourdieu (2005), ao analisar o campo literário francês no século XIX, estudou as instituições francesas, que legitimam os autores, como a Academia Francesa. Trazendo para nosso contexto, o Jabuti, prêmio dado pela Câmara Brasileira do livro, em nosso país, é uma dessas instituições de consagração.

Há algo de surpreendente nesse início de trajetória do escritor. Ainda “iniciante”, Trevisan já era detentor de capitais simbólicos, legitimado e distinto. Em certa medida, isso dava-lhe alguma autonomia de atuação no campo literário, como veremos mais à frente. Algo que, de modo geral, não é seguido pelos demais autores da relevância do contista. Desde sempre, ele evitou a imprensa e os eventos literários, até onde levantamos, e se manteve assim até o fim da vida. Nem mesmo quando ganhou o Camões, em 2012, dado pelos governos brasileiro e português em 2012:

“Os muitos anos, ai de mim, já me impedem de receber pessoalmente o prêmio”, escreveu o escritor, actualmente com 87 anos, referindo-se ao Prémio Camões, que tem o valor de cem mil euros, como “o prêmio dos prêmios”. “Nunca jamais pensei merecer tamanha distinção. A consciência das minhas limitações como escritor proibiu-me sonhos mais altos. E agora, sem aviso, o prêmio Camões” (CARVALHO, 2012).

Se poderia parecer indelicada a postura de não ir presencialmente, a ação de Dalton era apenas mais uma já constituída por ele, uma confirmação de quem ele era em sua trajetória literária. Um prêmio literário é uma das ferramentas de distinção, legitimação e consagração – Itamar Vieira Junior, escritor fenômeno dos últimos anos, autor de “Torto Arado” e “Salvar o fogo”, levou prêmios como o Jabuti e o Oceanos, por exemplo. Baiano, Vieira Junior tem sido presença constante em eventos e debates públicos -- algo que Dalton Trevisan, até onde se sabe, nunca fez. Mas o curitibano é exceção, algo que, parece-nos, é impensável atualmente.

Nessa constituição de personalidade pública, isto é, a de escritor, Trevisan, fazendo o que era pouco comum, evitou, como já dissemos, dar entrevista. E quando o fez, buscou dizer que não o fizera antes. Como quando, em 1972, 13 anos após estreiar oficialmente na literatura, disse não conversar com jornalistas. “Não dou entrevista. Nunca dei”, disse ele ao repórter Moises José Mussa de Assis (ASSIS, 1972), sem saber que estava sendo... entrevistado. Em 1968, entretanto, ele conversara com ao menos três publicações: Gazeta do Povo, Diário do Paraná e Jornal da Tarde.

Confusão, mentira, ou escolha deliberada por contar o que quiser e fazer aquilo que bem entende? É isso que tentamos descobrir.

2 - AS CATEGORIAS HABITUS E CAMPO E A NECESSIDADE DELAS PARA ANALISAR TREVISAN NOS JORNAIS

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) produziu uma das mais importantes contribuições sociológicas à literatura no século XX. É dele o livro “As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário”, publicado em 1992. A obra chegou ao Brasil pela Companhia das Letras em 1996. O pesquisador analisou a formação dos escritores franceses da segunda metade do século XIX, apresentando as regras que lhes regiam e regiam as instituições literárias da época. Nessa toada, utilizou-se do termo *habitus*, cuja definição deve ser entendida como a tomada de decisão e escolhas que o escritor faz para seu percurso literário (2005, p.84) a partir do meio em que ele está inserido. Podemos entender também que, em outras palavras, *habitus* é o conceito relativo a projeto, percurso, caminho. Bourdieu, sociólogo que estudou as relações do poder simbólico, mostrou a luta entre indivíduo x sociedade. Se por um lado a sociedade faz imposições ao indivíduo, este pode reagir de forma não esperada (PASSIANI, 2008). Dalton Trevisan, em nossa leitura, fez o mesmo.

Nos anos 1960 em diante, a literatura passava por uma urbanização – Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e toda aquela turma estava localizada em outra parte. Os nomes que surgiriam foram, além do curitibano, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca (talvez quem tenha feito um caminho semelhante ao curitibano), além de outros escritores que figuraram em jornais, como Rubem Braga, Otto Lara Resende, Fernando Sabino.

De modo geral, esses escritores se liam e se frequentavam – parte deles vivia no Rio de Janeiro. Era, portanto, o *habitus* da época estar publicamente entre os pares, algo que Trevisan buscava não fazer, ou ao menos não deixar rastros que fazia. Passiani (2008) nos ajuda a compreender a relação *habitus/campo* mostrando que um escritor toma decisões por si próprio, mesmo com a pressão por parte da sociedade:

[...] o sociólogo francês procura uma alternativa à falsa dicotomia “indivíduo x sociedade”, e insiste na necessidade de se buscar no campo as condições sociais de atuação do sujeito. Noutros termos, as regras da arte, tomando o campo artístico como ilustração, não inibem a prática criativa do agente, mas ela se realiza justamente porque o agente foi capaz de internalizá-las, configurando seu *habitus*.(PASSIANI, 2008, p.6-7).

No caso de Trevisan, então: em havendo a pressão do campo para aparecer, ele buscava o silêncio; em havendo a necessidade de circulação em rodas, ele as evitava – e isso só foi possível porque ele tendeu as regras e soube modificá-las. Até aqui, imaginamos, está claro que isso foi possível inicialmente pela constituição dos capitais simbólicos do autor, a criação da Joaquin, a troca de carta com escritores estabelecidos e, claro, a qualidade do texto dele.

O reconhecimento de Dalton chegou à academia entre os anos 1970 e 1980, outro espaço de consagração. Antes disso, ele já tinha sido reconhecido por críticos em jornais (MONTEIRO, 2013). Dalton Trevisan, ao longo da vida literária, foi lido e criticado em jornais de todo o Brasil. Monteiro (2013) apontou uma série dos veículos que dedicaram a Trevisan algum espaço na crítica. Entre eles estão: O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Gazeta do Povo, Diário da Tarde, O Estado do Paraná, além de revistas como Veja e IstoÉ.

Mesmo com a queda no número de assinaturas de veículos impressos (PODER360, 2018), o Brasil conta com ao menos três jornais de literatura importantes: Rascunho, O Cândido e Suplemento Pernambuco. Portanto, a literatura ainda vive no jornalismo impresso. Nesse sentido, quando é publicada uma resenha, crítica ou reportagem no veículo, o leitor entende como um tipo verdade em relação a um assunto. E isso, como apontou Monteiro (2013), auxilia a consolidação de uma carreira literária. Pena (2006) corroborou o raciocínio dizendo que:

O crítico exerce uma atividade que influencia a sociedade e a própria construção das obras literárias. É verdade que, em alguns casos, seu trabalho é ignorado pelo público, cujo gosto pode entrar em conflito com as "opiniões especializadas" [...]. Entretanto, quando falamos na construção de uma Literatura nacional ou universal, estamos quase sempre seguindo os parâmetros produzidos por críticos avalizados. Eles acabam determinando o que será classificado como cânone, ou seja, uma obra que permanecerá na história cultural. (PENA, 2006, p.36).

Fato é que, ao chegar nos anos 1980, Trevisan já havia sido consagrado por instituições legitimadoras como imprensa, universidade e prêmios. E tudo isso evitando falar com a imprensa – ora, se sem ele falar, já conquistou tudo isso, qual seria a necessidade de mudar? Que os outros disputassem o espaço para aparecer: Trevisan era visto exatamente pelo silêncio (além de lançar quase um livro por ano).

Talvez seja um pouco excessivo de nossa parte, mas é possível afirmar, ou mesmo quase possível, que Trevisan atuou como quis nesse cenário estabelecido por ele e para ele no campo literário brasileiro. Em todo seu percurso até aqui analisado, tentou se fazer de vampiro, discreto, escondido,

e isso se manteve, como em 2015, quando completou 90 anos. A Folha de S. Paulo, um dos mais importantes veículos noticiosos do Brasil, enviou um repórter em maio a Curitiba. A missão dele: tentar contato com o vampiro. Com o sugestivo título “Tímido ao ser abordado em público, Dalton Trevisan afirma não ser quem é”, a reportagem foi publicada em 07 de maio daquele ano. Por meio dela, soubemos que o escritor aparentava ter duas décadas a menos de vida que de fato tinha à época, e que o autor negou ser quem era quando abordado:

Após alguns segundos de hesitação, a reportagem o abordou numa esquina praticamente vazia. “Dalton Trevisan, com licença.” Sem parar de andar, lançou de solsaio um olhar fuzilador. “Não sou Dalton”, disse com firmeza. Ouviu em silêncio que a Folha preparava uma edição sobre seu aniversário e que gostaria de tentar o impossível, uma entrevista com ele. “Já sei que você estava assediando meus amigos. Me deixe em paz”, desconversou. (ALMEIDA, 2015).

A reportagem trouxe informações que já haviam sido publicadas há muitos anos: Dalton vive como um recluso, não dá entrevista, começou a publicar os próprios textos revista Joaquim etc. A tomada de posição dele, no campo literário, havia sido assimilada.

3 - O VAMPIRO DE/EM CURITIBA

Conforme já dito, aos 20 anos Dalton Trevisan criou sua própria revista. Chamada “Joaquim”, a publicação teve 21 edições, de 1946 a 1948. As reportagens de O Diário do Paraná (junho de 1968) e Folha de S. Paulo (maio de 2015) e Gazeta do Povo (junho de 2015) registram esse fato, mesmo passados 50 anos entre elas. No veículo, Trevisan publicou poemas de Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e textos de Antônio Cândido e Otto Maria Carpeux. Havia, então, um diálogo entre quem estava chegando ao campo literário e quem já estava inserido.

A publicação atacava os estabelecidos no Paraná, embora respeitasse os escritores de relevância e qualidade nacional. de ataque ao paranismo. Os principais torpedos verbais s foram contra Emiliano Pernetta (o “Príncipe dos poetas do Paraná”), Alfredo Anderson (o pai dos pintores do estado), e o Paranismo, movimento que tentava se perpetuar como sucedâneo do Simbolismo, que dominou a literatura no estado na virada do século 19 para o 20 e teve Emiliano Pernetta como nome maior. (OLIVEIRA, 2015).

Já de início, portanto, na ideia de disputa no campo (CASANOVA, 2002; BOURDIEU, 2005; Sapiro, 2023), Trevisan entendeu, por não estar filiado a movimento nenhum, que deveria reorganizar as estruturas; atacando os então conceituados, buscava se colocar como uma nova voz, atraindo a

atenção para si. A rebeldia da juventude, somado ao fato de ser o dono da própria revista: poder simbólico, acúmulo de capitais, tomada de posição.

Nesse jogo de estabelecidos e os de fora, para lembrar o título de outro importante sociólogo, Trevisan criticava o que considerava a província, ou seja, sua própria cidade e os importantes escritores que haviam vivido nela, mas buscava estabelecer contato com os já legitimados de fora do Paraná. A Joaquim trouxe textos de alguns deles, e o vampiro trocou missivas com autores como Carlos Drummond de Andrade. Em 1954, por exemplo – antes de sua estreia oficial, antes do prêmio Jabuti -, pediu uma crítica ao poeta mineiro:

Meu caro Carlos Drummond de Andrade: segue mais uma novela. Meu Deus, mais uma, dirá você. Lá vem ele (eu) com pedidos de elogio. A questão não é de elogios, eu explico. Se não me publico em cadernos, como aprender os meus erros? A autocrítica não basta. Se lhe digo que em Curitiba posso dar com a cabeça na parede, não se ouve nem som na parede... [Me diga, Carlos, se algum dia, por desfastio, lera “Morte dum Gordo”, o que achou dela, mesmo num simples bilhete de duas palavras: não gostei”. Com grande abraço. (COZER e ALMEIDA, 2015).

Ora, é possível ver que, em sua gênese, o escritor buscou respaldo dos pares, e conseguiu. Além disso, também enviou cartas a Carlos Castello Branco, importante jornalista, e Antonio Callado, renomado escritor (COZER e ALMEIDA, 2015). Cristovão Tezza, Fábio Campana e outros escritores afirmaram, por sua vez, que Trevisan participava de uma roda de escritores na Boca Maldita, nos anos 1960, em Curitiba (DALTONISMO, 2006). O vampiro era, sim, visto, e menos recluso do que poderia parecer. Mas o mito, sempre ele, já estava estabelecido: vivendo em Curitiba e não falando com a imprensa. Sem contar as legitimações obtidas por ele, dadas por instituições consagradas. Lembremos: o contista renegou os livros publicados de forma independente e, por volta dos 40 anos, lançou o que ele considerou sua estreia oficial, o “Novelas nada exemplares”, em 1959, pela José Olympio. Sobre isso não encontramos nenhuma fala dele – então, é possível inferir que o selo editorial reconhecido lhe dava legitimidade como um escritor nacional. O prêmio Jabuti no ano seguinte ratificou isso.

O mito Trevisan também era alimentado por manias do escritor. Outra imagem nos ajudar a compreender a afirmação, a de que era alguém que sempre reescrevia os textos, mesmos os publicados (NAROZNIAK, 1968; VILELA, 1968). Ele costumava renegar edições anteriores de livros, chegando até oferecer ao autor dar novas edições e autógrafa para poder ficar com a antiga (BARRERO apud MONTEIRO, 2001). Sobre esses dois fatos, depuramos a preocupação constante com o texto, mas,

para além disso, tais medidas também somaram à aura vampiresca e “diferente”, digamos assim, do autor.

O fato é que Trevisan criticava sua província, fingia ser recluso, mas na verdade jogada o jogo no campo literário brasileiro. Ele dialogava com os pares que eram também detentores de capitais. Ele deixou claro, certa vez, que os escritores da cidade não lhe apeteçiam. “Não posso me comunicar com escritores que estão na pré-história da literatura” (TREVISAN apud VILELA, 1968). Seus amigos eram “poucos mas escolhidos” (VILELA, 1968). A questão dele era a própria cidade; com os de fora havia trocas constantes. Em nossa pesquisa, percebemos que ele citava escritores que viviam no Rio de Janeiro. Entre eles, Otto Lara Resende, Fernando Sabino e Fausto Cunha.

Não nos parece sem sentido isso. O Rio foi a capital do país até 1955 e em certa medida permanece até hoje como a capital cultural do Brasil. O curitibano sabia se mover no tabuleiro de xadrez que é o campo literário. E as provocações com os locais deixavam tudo mais saboroso, digamos assim.

Na segunda vez que falou a jornais, naquela que consideramos a primeira entrevista de fato, Dalton disse uma frase que, atualmente, soa emblemática a quem quer analisar a carreira dele. “Prefiro continuar alimentando o mito que em volta de mim foi criado” (NOROZNIK, 1968).

Trevisan, até os 99 anos, viveu em Curitiba. Lançou o mais recente livro de contos em 2023, uma compilação de toda sua carreira. Morreu sendo lembrado por todas as características aqui registradas.

5 – CATEGORIAS

Tentamos, até o momento, deixar claro o percurso de Trevisan e a inserção dele no campo literário brasileiro. Para fins de maior compreensão, criamos categorias para análise da constituição da imagem dele e do mito em torno do autor. Elas foram feitas a partir de temas que se repetiram nos sete materiais analisados e que nós julgamos importantes. São categorias: 1) A ironia nas entrevistas e a imagem de um cidadão familiar; 2) O mito do silêncio e a trilha contrária ao comum: para os jornalistas um, para os amigos, outro; 3) O escritor que nunca para de andar e nunca termina os seus contos; e 4) O contato com o campo literário: “O escritor é um ser maldito”.

5.1 - A ironia nas entrevistas e a imagem de um cidadão familiar

Ficou-nos claro que, dado o estabelecimento do campo literário, o curitibano optou por se comunicar com os estabelecidos, mas criar para si uma imagem de recluso, evitando a imprensa.

Quando decidiu falar pela primeira vez a um jornal como escritor (ao menos até onde se sabe), Dalton Trevisan já havia publicado quatro livros. “Novelas nada exemplares”, em 1959; “Morte na praça”, em 1963; “Cemitério de elefantes”, em 1964; e “O vampiro de Curitiba”, em 1964. Os contos presentes envolviam temas urbanos: casamentos infelizes, estupros, abandono de crianças. E ele havia recebido prêmios e atenção da crítica, embora não tenha falado nada antes disso. Na primeira vez que falou a um jornal, Trevisan tentou desmistificar o fato de o acesso a ele ser difícil: “tanto não é difícil que eu me esbarro comigo diariamente em todas as esquinas de Curitiba” (GAZETA DO POVO apud ANDREOLLI, 2012).

O texto da Gazeta do Povo, de 1968, aliás, começa e termina com ironias. A última frase é a que foi apresentada no parágrafo acima. A que dá título à reportagem é uma fala de Trevisan em que ele diz ter 12 mil motivos para ficar feliz (apud ANDREOLLI, 2012) – ele acabara de ganhar 12 mil de cruzeiros novos. Nesse mesmo texto, Trevisan disse que para ser escritor é necessário ter talento: ironia clara e pura na medida em que sabemos que Trevisan reescreve sempre os contos, ou seja, era talento misturado a trabalho (VILELA, 1968; NARAZNIACK, 1968; OLIVEIRA, 2015).

A ironia seguiu em outros momentos. Mais de uma vez, Trevisan disse ser o “último dos contistas menores” (VILELA, 1968; ASSIS, 1972) mesmo com o reconhecimento da crítica, inclusive com prêmios. A ironia, aliás, também está na última declaração pública dele. À Folha de S. Paulo, disse não ser Dalton Trevisan quando abordado pelo repórter (ALMEIDA, 2015).

É interessante notar, também, que Dalton, nas primeiras entrevistas, disse ser muito bem-casado e pediu o registro do nome das filhas dele (GAZETA DO POVO apud ANDREOLLI, 2012; VILELA, 1968; NARAZNIACK, 1968) e que, com exceção do primeiro texto, há a informação de que ele trabalha na fábrica de vidros da família.

Quanto à ironia, Trevisan, conforme nosso levantamento, utilizou-se dela desde as primeiras palavras às últimas publicadas em jornais. A nosso ver, na primeira entrevista, isso foi quase que para contrastar com a imagem do vampiro: aquele que escrevia sobre tarados, bêbados e machões. Nas seguintes, em que se considera o menor dos contistas, foi a maneira como ele ironiza a si mesmo e aos críticos para mostrar que não está preocupado com o que falam sobre ele. E, de certa forma, manter-se no percurso que ele escolhera: o de não falar com a imprensa (mesmo falando com ela no momento que proferiu tais palavras). Já à Folha de S. Paulo (2015), negar ser Trevisan é, obviamente, uma escolha quase patética, pensando rapidamente. Quando analisamos com mais calma, entendemos que é para alimentar o mito. Voltaremos nisso mais à frente.

Em relação ao pedido para publicar que era casado e pai de duas filhas, para nós significa como que se ele quisesse mostrar que as histórias que escreviam não representavam que pensasse da forma e maneira como as de seus personagens. Se ele quis demonstrar afeto à família nas primeiras entrevistas, o tema voltou à baila na última. Almeida relatou que a esposa e uma das filhas morreram nos anos 1990 e que não foi uma tentativa clara para conversar com o autor – o que aconteceu nas publicações seguintes do mesmo ano. que está viva tem pouco contato com o autor (2015). O casamento dele não era bom. “As raras pessoas que foram próximas ao casal contam que o casamento passou por muitos percalços porque Dalton ‘era muito difícil’” (ALMEIDA, 2015).

Não podemos aferir sobre a vida privada de Trevisan, mas chamamos a atenção do leitor para o fato de que, se nas primeiras entrevistas ele pediu para citar o nome das filhas, na reportagem de 2015 elas foram lembradas também. O contraste, portanto, do vampiro, o homem da espreita, e o homem comum, casado, de família.

5.2 - O mito do silêncio e a trilha contrária ao comum: para os jornalistas um, para os amigos, outro

Ao colocar na mesma perspectiva as reportagens publicadas entre 1968 e 2015 escolhidas para este artigo, foi-nos possível afirmar que a escolha pelo silêncio é deliberada desde que Trevisan começou a escrever. Ele sabia que alimentaria o mito, como dissera (NOROZNIAK, 1968), para preservar a imagem como responsável pela fábrica de vidros da família, talvez, ou porque não precisasse. Acreditamos nas duas situações, principalmente na segunda. É válido lembrar que, conforme já mostramos aqui, desde que Trevisan iniciou a publicação dos contos de forma esparsa, em jornais ou em edições próprias, a crítica já olhava para ele (NOROZNIAK, 1968). Como já apontamos, quando da publicação do “Novelas nada exemplares”, Trevisan já tinha contato com os nomes relevantes do campo literário brasileiro, o que lhe permitiu o silêncio.

Após 1968, desde que ele assumira o mito do silêncio, existem entrevistas do autor em um período próximo. Uma delas, em 1970, o jornalista Marcos Barrero foi até Curitiba se encontrar Trevisan. Sem dizer que escreveria a conversa, ele publicou tudo depois, mesmo tendo mentido ao escritor ao dizer não às perguntas abaixo:

[...] Você não é jornalista, né? [...] Não tem coluna em jornal? É bom esclarecer, porque às vezes me fazem umas falsetas, né? Começa a falar como uma pessoa depois eu vejo publicado, tudo deturpado por causa da memória... Quer dizer que não há a menor dúvida de que estamos falando entre nós. (TREVISAN in BARRERO apud in MONTEIRO, 2001, p. [?]).

Dois anos depois, em 1972, em entrevista publicada no jornal O Estado de S. Paulo, o jornalista Mussa José Assis disse que Trevisan não gostava de entrevistas. “Não tenho nada a dizer” (TREVISAN apud ASSIS, 1972). Essa entrevista, a propósito, também não era para ter sido publicada. Ao final do texto há uma nota informando que Mussa José Assis era amigo de Dalton havia muitos anos, e que o Vampiro considerava aquilo apenas uma conversa. Ou seja, mais uma vez, duas conversas sem a autorização do autor foram publicadas. Somente assim podia-se saber que Trevisan pensava.

Mais de quatro décadas depois, eis o que Trevisan disse ao ser abordado pelo repórter da Folha de S. Paulo após o jornalista insistir para que ele respondesse ao menos uma pergunta sobre os 90 anos dele: “Não faço aniversário. E não falo. Está mais do que dito que eu não quero falar de nada” (TREVISAN apud ALMEIDA, 2015).

O que se tem aí, entre a primeira entrevista e a última fala do autor publicada em um veículo nacional, é a mesma postura. Sabendo-se do mito, da história de que ele não gosta de falar, muito menos com jornalistas, Trevisan evitou dar declarações. Portanto, opção escolhida lá atrás se manteve ao longo de sua trajetória, com exceções das entrevistas de 1968 e aquelas sem a devida autorização do autor. Se em algum momento ele cogitou mudar de ideia, não sabemos. Mas com o prestígio alcançado pelos livros sem a necessidade falar à imprensa, Trevisan manteve-se afastado. Espaço em jornais ele conseguia mesmo sem procurá-los diretamente. Era um estabelecido no campo literário, se não invertendo as regras, ao menos modificando um pouco as estruturas para si.

Nessa disputa no campo, o contista se estabeleceu dessa forma pelas obras e pelas relações. Fato é que, quando menos ele falava com a imprensa, mais se falava dele; e isso, em certa medida, foi absorvido ao menos pela cidade onde ele morava, Curitiba. A Gazeta do Povo (2015), quando produziu o especial em comemoração aos 90 anos do autor, não lhe entrevistou, nem mesmo foi em busca do autor. Entendemos isso não só como uma atitude de respeito, mas também para perpetuar o mito que havia sido criado. O Vampiro, agora, era maior do que a curiosidade dos jornais.

Posto isso, afirmamos aqui que o silêncio do Vampiro é um quase-silêncio – já que ele mesmo já falara com jornais, deliberada e não deliberadamente. Até porque o manter-se calado foi uma escolha, não uma imposição, que se tornou uma das marcas dele. Além disso, os amigos do autor falaram – e acreditamos que, muitas vezes, com o consentimento dele.

A propósito disso, a relação dele com amigos nos pareceu completamente diferente quando comparada com a do escritor com jornalistas, de acordo com o que levantamos para este artigo. Se

Trevisan já disse a repórteres que não fala por timidez (ALMEIDA, 2015), com amigos ele é falante. Um exemplo disso é primeira entrevista que ele deu de fato. O Vampiro estava ao lado de amigos e, segundo a reportagem, feliz (NOROZNIACK, 1968).

Norozniack (1968), na entrevista realizada na sede da Fundapar, relatou que Trevisan estava de bom-humor, descontraído. Trevisan disse a ele que trabalhara como advogado, que lia de tudo. Anos depois, Assis (1972) registrou que, para os amigos, Trevisan era bem-humorado e contador de piadas. O silêncio, portanto, é relativo, consiste apenas em não querer falar com jornalistas - o que, em nossa leitura, significa manter o mito.

Vejamos, agora, a figura do homem que não queria/quer falar à imprensa (mas que era divertido para com os amigos) como a do homem que nadou contra a corrente. Dizemos tal afirmação porque, ao fundar a revista Joaquim, para criticar o paranismo e apontar para o modernismo, Trevisan lutou contra a norma vigente, algo comum para quem quer ocupar um espaço no campo literário (BOURDIEU, 2005). Mais do que isso, foi uma forma de resistência ao que estava posto. O jovem Trevisan, aos 20 anos, ainda desconhecido, não queria imposições.

Essa característica, a de não seguir o que é padrão, fez parte do início de seu percurso – e se manteve. É o chamamos de trilha contrária ao comum. Tanto é que Dalton não deu entrevista, conforme nosso levantamento, quando lançou o primeiro livro dele em circuito comercial e por uma grande editora: “Novelas nada exemplares”, pela José Olympio, em 1959. Ele, apesar de receber o prêmio Jabuti em 1960 pelo livro, só falou com a imprensa pela primeira vez oito anos depois, em 1968, segundo o que se encontrou durante a produção deste artigo. No campo literário brasileiro, de modo geral, o autor, assim que lança um livro, costuma utilizar-se da imprensa para divulgar o trabalho. Trevisan optou por um caminho oposto: mais uma vez, portanto, trilha contrária ao comum, uma espécie de resistência. Ele disse certa vez que:

"Não dou entrevista. Simplesmente porque não há perguntas a responder. Minha opinião sobre o divórcio? Sobre o amor livre? Sobre a guerra do Vietnã, a bomba atômica, o bigode Salvador Dali? Quem quiser saber o que eu penso que leia o que escrevo. Garanto que na minha obra estão as respostas para todas as perguntas. E às que não existirem, eu não as darei." (MASSAUD, 1972).

Mas como ele poderia se manter relevante, em uma sociedade capitalista, até então muito mediada pela imprensa, sem buscar aparecer? E como ele poderia ter feito essa escolha, a de se manter em quase-silêncio? Sabemos que, como já era reconhecido pela crítica, a força do texto dele dava-lhe sustentação. Mas, como pesquisadores, não colocamos nossos olhos apenas nisso. Procuramos

compreender o que poderia estar por trás. E por isso nos utilizamos dos tipos de capital elencados por Bourdieu (2005) e já apresentados aqui. Acreditamos que o campo em que Trevisan estava inserido e os tipos de capitais bourdieusianos lhe foram favoráveis para tomar decisões como essa. No do campo, ele já tinha espaço na crítica, como nos mostrou Monteiro (2013) e contato com escritores já reconhecidos pela época. É diferente de um autor que hoje não sabe qual o melhor caminho a ser trilhado ao lançar o próprio livro. Portanto, essa espécie de resistência que faz o autor optar por uma trilha contrária ao comum tem raízes sólidas antes de o “Novelas nada exemplares” ser lançado, antes de ele se tornar um escritor reconhecido nacionalmente.

A dotação próprio dos três tipos de capital apresentados pelo sociólogo francês com toda a certeza fez a diferença na criação do *habitus* do autor: capital econômico – ele veio de uma família proprietária de uma fábrica e de outros bens em Curitiba; cultural – porque entrou no campo artístico produzindo sua própria revista e, depois, seus dois primeiros livros; social – porque desde os anos 1940, de acordo com o que se encontrou para esta pesquisa, o escritor tem reconhecimento pelo que escreve. Conforme Bourdieu (2005), esses capitais permitem ao autor fugir à ordem da norma vigente de um campo e fazer o próprio *habitus*.

A trilha contrária ao comum de Trevisan também não costuma aceitar que falem sobre ele aos jornalistas (ALMEIDA, 2015). Ao que tudo indica, somente quando ele dá autorização aos amigos. Trevisan, que considera o escritor um ser maldito (VILELA, 1968), já amaldiçoou um autor que suspostamente escreveu sobre ele. Aprofundaremos essa questão mais à frente.

O que podemos inferir, a partir da análise da categoria proposta neste tópico, é que para ele, a vida literária lhe pareceu melhor evitando o contato com jornalistas e que, se ele viveu durante décadas assim, não precisou mudar, nem mesmo no fim da vida, invertendo, em certo sentido, a ordem das coisas.

Agora, em 2025, porém, é possível aferir que, apesar disso, Trevisan sempre acompanhou o que foi falado sobre ele na imprensa. Em entrevistas recentes, a agente literária do autor tem dito que ele era curioso e guardava tudo sobre ele. Era, enfim, algo consciente mesmo.

5.3 - A reescrita e a caminhada nunca terminam

Em nosso levantamento bibliográfico, deparamo-nos com outra característica de Trevisan: a da reescrita dos livros e a negação das edições anteriores. A primeira entrevista (GAZETA DO POVO apud ANDREOLLI, 1968) não registrou isso até porque não é, de fato, uma entrevista *sui generis* com o autor, como dissemos anteriormente. Repórteres são escalados para fazer, de fato, entrevista com o

autor nos dois materiais seguintes. Na primeira entrevista de fato, dada a Jorge Naroziack, disse Trevisan que levava a vida inteira para escrever um conto. "Nunca termino um conto. Cada vez que releio, reescrevo. Segundo os críticos, para pior" (1968).

Na entrevista seguinte, a Luiz Vilela (1968), relatou o autor que sempre reescrevia os seus contos e que a escrita lhe ajuda a viver:

Escrever é a única justificativa para estar vivo. Meus gestos cotidianos são vazios. Mesmo o amor e o sexo; o sexo dura muito pouco tempo. As outras coisas? Eu não tenho o dom de ganhar dinheiro; nem ambição de poder. Escrever é uma atividade inútil, mas, para mim, ainda é a menos inútil de todas e a que me faz continuar vivo. E qual a compensação de escrever? Uma frase boa que a gente cria, uma imagem, coisas assim, que agradam num momento e no dia seguinte já nos deixam insatisfeitos. O escritor troca sua vida por nada. (TREVISAN apud VILELA, 1968).

Barrero (apud MONTEIRO, 2001) registrou que Trevisan renegara os primeiros livros ("Sonata ao luar", e "Sete anos de pastor") e que ele queimava edições anteriores das obras. Ao jornalista, Trevisan disse achar que o que valia mesmo era a última edição, e que parou de revistar "Guerra Conjugal", já então na oitava edição revista, porque estava entrando em um processo neurótico. "[...] agora eu parei porque senão teria que fazer a emenda da emenda. E também estava entrando num processo neurótico" (TREVISAN in BARRERO apud MONTEIRO, 2001).

Essa obsessão com o texto, como a de retirar palavras, acrescentar pontos e afins, tornou-se uma marca do autor. Tanto que, nas peças de teatro montadas, ele não permitiu que os autores improvisassem: o texto deveria ser seguido à risca (CARNIERI, 2015). Temos aí, portanto, mais uma imagem que se construiu ao longo dos anos: a de um escritor que sempre modifica seus textos, preocupado com o que produzia, dando a ideia de que sua obra nunca está pronta – como bem já apontou Monteiro (2013). Essa imagem também faz parte do *habitus* do escritor, naquilo que chamamos de trilha contrária ao comum: em vez de Dalton já partir para o próximo livro, prefere olhar o que fez e modificar. Em uma sociedade que sempre pede novidades, o quase-silêncio de Trevisan lhe deu/dá esse benefício: o de agir diferentemente daquilo que é esperado dos escritores já que não tem que se justificar a ninguém que não ele mesmo. Pelo fato de a obsessão pela reescrita ter se tornado uma das características do autor, quem monta uma peça de teatro a partir da obra dele precisa se adaptar à exigência que impõe o criador: a de não alterar texto. Mais um ponto fora da curva de Trevisan. É comum vermos autores dizendo que dão total liberdade às criações que são feitas a

partir de um livro. Parece-nos que a reescrita de Dalton nunca termina: ele sempre está em busca de novos assuntos, conversas, para criar ou reescrever seus contos.

Chama-nos a atenção o fato de que um dos fatores que contribuem para essa ideia é imagem do autor sempre em movimento. É como se o vampiro nunca parasse e que o dia a dia lhe inspirasse a escrever. Creditamos isso ao fato de, por meio dos materiais analisados para este artigo, Trevisan quase está em movimento. Há sempre uma figura: a do homem que sempre está por aí ou caminhando. Gazeta do Povo (apud ANDREOLLI, 2012) registrou a fala de Trevisan em que disse sempre se encontrar com ele mesmo na esquina; Vilela (1968), Barrero (apud MONTEIRO, 2001), Massaud (1972), Almeida (2015) e Galindo (2015) registraram, também, o homem em movimento. Caminhando por locais públicos, conversando com pessoas, fazendo o mesmo percurso para almoçar no mesmo restaurante. O vampiro estava em todo lugar, como ele mesmo disse (NOROZNIAK, 1968).

5.4 - O contato com o campo literário: “o escritor é um ser maldito”

Segundo Bourdieu (2005), o *habitus* tem ligação direta com o campo em que o escritor está inserido. Em se tratando de Trevisan, sabemos que ele, mesmo querendo distanciamento de jornalistas, mantinha contato com círculo próximo de escritores já conhecidos nacionalmente, embora atacasse os locais. Em entrevista publicada em 1968, a que consideramos a segunda da vida dele, Trevisan afirmou sobre os autores de Curitiba o seguinte: “Não posso me comunicar com escritores que estão na pré-história da literatura” (TREVISAN apud VILELA, 1968). Apesar de ter dito isso, o escritor Cristóvão Tezza e o jornalista Fábio Campana afirmaram que ele frequentava círculos literários em Curitiba já nos anos 1960 (DALTONISMO 2006). É interesse enxergar que ele costumeiramente dizia inverdades, como no caso de nunca ter dado entrevista até 1972. Ironia, também, talvez? 7

Fora de Curitiba, como já apresentamos, ele mantinha contato com escritores reconhecidos no país como Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende (ALMEIDA e COZER, 2015). Ou seja, estava em contato com o campo literário havia anos. É por isso que afirmamos que, para além da qualidade literária inegável como contista, o fato de já ser interlocutor de importantes nomes da literatura à época permitiu-lhe não querer falar com jornalistas sobre a própria carreira: já estava inserido no campo, reconhecido pela crítica. Afirmamos que isso se deu por conta da Joaquim e das brochuras com contos de própria autoria que ele enviava aos escritores da época, mesmo antes de Trevisan lançar o que ele considera o primeiro livro da carreira, o “Novelas nada exemplares”.

Também nos é interessante compreender como Trevisan se relacionou com Curitiba. Em todas as reportagens analisadas para este artigo, ele sempre fala sobre a cidade e/ou está andando por ela. Há, aí, um jogo de imagens: a do escritor que vive isolado em uma capital, no sentido de estar fora do eixo Rio-São Paulo. Mesmo com a sociedade impondo-lhe esse tipo de isolamento (que gera o quase silêncio), ele sempre está se movendo nessa cidade, andando pelos limites definidos: é a luta simbólica como aponta Sápiro (2023) e Bourdieu (2005), algo como indivíduo x sociedade. Nesse caso, escritor x mercado literário (eixo Rio-São Paulo).

Ficou visível, para nós, que o fato de Dalton Trevisan viver em Curitiba, portanto fora do eixo literário, deu-lhe condições de evitar ainda mais a imprensa. Os grandes escritores do período apareciam em jornais, ou por meio de entrevistas ou por meio de crônicas. E eles viviam, majoritariamente, em São Paulo e no Rio de Janeiro. A capital paranaense, em nossa leitura, também foi favorável à construção do *habitus*, do quase-silêncio do vampiro, como apontamos aqui. Quase-silêncio porque, lembremos, o escritor se relacionava com novos autores. Até aconteceu um problema, por conta disso. Disse certa vez Dalton Trevisan:

“O escritor é uma pessoa que não merece nenhuma confiança. Um amigo chega e me conta maiores dores. Eu escuto com atenção, mas estou recolhendo material para mais um conto. E eu sei disso na hora. Surge então a má consciência. Sei que estou fazendo assim e não desejaria fazer, mas não há outro jeito. O escritor é um ser maldito.” (TREVISAN apud VILELA, 1968).

Mas ao menos uma situação abalou a estabilidade de Trevisan no campo literário brasileiro: a publicação de um livro de um ex-pupilo dele. Favorável à ideia de reclusão para manter o mito, como apontamos aqui, Dalton não ficou feliz com o lançamento “Chá das cinco com o vampiro”, de Miguel Sanches Neto. Lançado em 2010 pela editora Objetiva, o romance conta a história de um autor nascido no interior do Paraná e que vai morar em Curitiba. Lá, se aproxima de um escritor já consagrado, cujo apelido é vampiro. Essa é a parte ficcional.

A real, ou pelo menos parte dos fatos, resume-se da seguinte forma. Vindo do interior do Paraná nos anos 1990, Miguel Sanches Neto aproximou-se de Trevisan. Escreveu sobre a obra dele para a Gazeta do Povo. Nos anos 2000, tornou-se ficcionista e escreveu o rascunho do que viria a ser o romance “Chá das cinco com o vampiro”. Sanches deu uma versão do texto a um amigo, que supostamente fez chegar à mão de Trevisan. Que nunca mais perdoou Miguel Sanches (SANCHES NETO apud ENTREVISTA, 2010). A outra parte da história quem sabe é Trevisan. Que não fala aos jornais, como bem sabemos.

Trevisan, então, escreveu “Hiena papuda” - que dizem ser para Miguel Sanches Neto (ALMEIDA, 2015). Um poema que ataca o autor de “Chá das cinco...”:

“hiena papuda necrófila

traveca de araponga louca da meia-noite

mente na vírgula mente no pingo do i

mente no bico fechado mente na carta aberta chorrilho merdoso de intriga e falácia

caráter sem jaça de escorpião filho adotivo espiritual de Caim

delator premiado informa dedura a desonra, ó cagueta, é o teu butim

fora, traidor do amigo! Rua, olheiro maldito

no teu coração pestejado rondam os lobos da inveja na tua alma leprosa

uivam os chacais da infâmia

Judas que se vendeu por trinta lentilhas uma corda uma figueira seca

se não for à figueira seca a figueira e o laço da corda fatal irão logo log até você” (TREVISAN, 2013, p. 58).

Vaidade com a imagem? Obsessão em não aparecer? Acreditamos que não: e sim a preocupação em manter o silêncio como mito e com o controle que, em certa medida, Trevisan sempre teve sobre sua obra e imagem. Entretanto, vale o registro, o fato de dele ter feito um poema tão crítico a Sanches Neto demonstrou que a imagem do escritor importava para ele também – não só a obra, como costumava dizer. Em 27 de junho 1968, no que consideramos a primeira entrevista de Dalton Trevisan, ele sentenciou não dar entrevista porque “prefiro continuar alimentando o mito” (TREVISAN apud NOROZNIAK, 1968). Bem-humorado, conforme a reportagem, disse que quem inventara a alcunha era o escritor Fausto Cunha. “Dizem agora que eu saio à noite pelas ruas à procura de sangue” (Ibdem).

Se Dalton Trevisan nunca respondeu publicamente aos críticos, ao menos que ironizou o fato de a crítica muitas vezes dizer que ele sempre se repetia. Sanches Neto (1994) e Monteiro (2012)

apresentam um conto do autor, divulgado originalmente nos anos 1990, em que ele fala sobre Trevisan, ironizando a si mesmo:

Há que de anos escreve ele o mesmo conto? Com pequenas variações, sempre o único João e a sua bendita Maria. Peru bêbado que, no círculo de giz, repete sem arte nem graça os passinhos iguais. Falta-lhe imaginação até para mudar o nome dos personagens. Aqui o eterno João: “Conhece que está morta.” Ali a famosa Maria: “Você me paga, bandido.” [...] Um mérito não se lhe pode negar: o da promoção delirante. Faz de tímido, não quer o rosto no jornal – e sempre o jornal a publicá-lo. Nunca deu entrevista e quanta já foi divulgada, com fotos e tudo? Negar o retrato é uma secreta forma de vaidade, a outra face do cabotino. (TREVISAN, 2013, p. 43-44).

É inegável que Trevisan, nesse conto chamado “Quem tem medo de vampiro?”, está sendo irônico. Ele toca em pontos como repetição e a falsa ideia de timidez, características sempre apontadas por críticos e jornalistas. Inferimos que essa tenha sido foi a forma encontrada de Dalton de rir das críticas apontadas a ele pois, sabendo da própria trajetória, elas não lhe afetariam (embora, de alguma forma, como mostramos aqui, algo lhe tocava). Lembremos que, em entrevistas, o escritor sempre se mostrou irônico: mesmo sendo chamado de o maior contista do Brasil, dizia ser o menor deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso que fizemos até aqui, tentamos mostrar como Dalton Trevisan criou o *habitus* dele. Para isso, analisamos o campo em que ele estava inserido, a utilização com os capitais simbólicos e a consagração dada por instituições legitimadoras – que resultou na imagem constituída pelo autor. A isso se deve uma série de fatores que retomaremos agora e acompanharemos, em resumo, os percursos do autor:

1) Por ser dotado de capitais cultural, econômico e social –, Trevisan pode criar a própria revista, nos anos 1950. Dessa forma, fez contato com o campo literário, conversando com os mais importantes escritores da época. Isso nos leva ao segundo fator, portanto, que criou o *habitus* dele;

2) A inserção no campo literário. Tendo publicado textos de nomes como Carlos Drummond de Andrade e enviando o que escrevia aos autores, ele conseguiu chamar para si a atenção, não dependendo da imprensa. Ele mesmo já disse que o mais importante é publicar (BARRERO apud MONTEIRO, 2001). Por conta desse contato e por viver em Curitiba, fora do eixo Rio-São Paulo, como apresentamos, deu a ele a opção do quase-silêncio, como chamamos aqui;

3) A opção pelo quase-silêncio em público criou um mito, ainda mais em função da alcunha “Vampiro de Curitiba”. Sabendo disso, Trevisan se resguardou para manter o mito. E, quando falou

à imprensa, utilizou-se da ironia e mostrou uma imagem completamente diferente da dos personagens ou mesmo da de um vampiro: casado, pai, divertido. Em nossa leitura, isso criou uma área ainda maior para o autor, já que, em nossa análise, deixou/deixa o público ainda mais atizado ao saber que o homem Dalton Trevisan é diferente do autor Dalton Trevisan – afinal de contas, “o escritor é um monstro moral” (TREVISAN apud VILELA, 1968).

4) Somemos a isso o fato de ele ter manias abertamente claras: a de reescrever sempre os contos, dando a ideia sempre de produção, de nunca parar. Lembremos que a imagem dele, em quase todo o material analisado para a produção deste artigo, é a de um homem que anda por Curitiba.

Como nos apresentou Bourdieu (2005), o *habitus* não é apenas fazer aquilo que a sociedade impõe, é, também, fazer o que o autor quiser (de forma consciente ou não), já que um projeto literário está acima do sujeito escritor. Trevisan fez e faz isso com maestria. Não à toa, o maior jornal do Paraná não foi à busca do autor para comemorar os 90 anos dele: preferiu fazer uma publicação especial para falar sobre ele. Ou seja, entendeu que a reclusão do vampiro dos jornais fazia parte de uma imagem construída por ele. Nesse caso em específico, é o indivíduo (escritor) vencendo a sociedade (o jornal).

Mais do que isso, como Trevisan lançou mais de 40 livros desde 1959 para cá, ele sempre se tornou assunto dos jornais – que muitas vezes comentavam o fato de o autor não dar entrevista, e isso, acreditamos, alimentou ainda mais o mito, deveras estabelecido no campo literário brasileiro.

Distanciamento de jornalistas no início da vida, poucas palavras em jornais, um homem divertido para os amigos, um sujeito casado e pai de duas filhas, o isolamento da família nos anos mais recentes, poucas palavras sobre os próprios livros, o ataque ao escritor que escreveu, talvez, sobre ele. Por tudo isso, vale o registro que Monteiro (apud MAROS, 2015) fez ao dizer que a áurea de vampiro não pode ser retirada, quer queira Trevisan ou não.

Em 2025, ano do centenário do escritor, exposições foram feitas, além de produções audiovisuais, entre outras formas de divulgação. Esses itens indicam que há um novo fôlego quanto à obra, bem como quanto à trajetória dele, que ainda receberá uma biografia que, esperamos, poderá contribuir com este e outros estudos sociológicos sobre a trajetória do autor.

Acreditamos que assim, mesmo desnudando os caminhos escolhidos pelo vampiro, o mito seguirá sendo mantido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Rodrigo. **Tímido ao ser abordado em público, Dalton Trevisan afirma não ser quem é**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/05/1625543-timido-ao-ser-abordadoem-publico-dalton-trevisan-afirma-nao-ser-quem-e.shtml>> Acesso em 14 mai. 2025.

ALMEIDA, Marcos Rodrigo; COZER, Raquel. **Cartas de Dalton Trevisan em acervo no Rio detalham processo criativo do escritor mais recluso do país**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/08/1663176-cartas-de-dalton-trevisanem-acervo-no-rio-detalham-processo-criativo-do-escritor-mais-recluso-do-pais.shtml>> Acesso em 14 mai. 20.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 2ª ed. 2005.

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Tradução de Marina Appenzeller. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CARNIERI, Helena. **Teatro sem mudar nenhuma vírgula**. Curitiba: Gazeta do Povo, 2015. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/especiais/daltontrevisan-90-anos/teatro-sem-mudar-nenhuma-vingula-emgg5acro58dsy8gywz2bk82m>>. Acesso em 16 jun. 2025.

CARVALHO, Cláudia Lima. Dalton **Trevisan**: "Nunca jamais pensei merecer tamanha distinção". Portugal: Público, 2015. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2012/12/13/culturaipilon/noticia/dalton-trevisan-mesmoausente-fezse-ouvir-nunca-jamais-pensei-merecer-tamanho-distincao-1577264>> Acesso em 13 jun. 2025.

CONY, Carlos Heitor. Orelhas. In TREVISAN, Dalton. **Novelas nada exemplares**. 8ª ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 2009.

DALTONISMO: documentário sobre Dalton Trevisan. Direção Célio Yano. Edição: Ana Hupfer e Célio Yano. Fotografia: Ana Hupfer. Ilustrações: Simon Ducroquet. Voz: Silvino Iagher. Produção: Ana Hupfer, Célio Yano, Cristina Seciuk, Elaine Santos, Erike Feitosa e Jaqueline Bartzen. Roteiro: Elaine Santos e Jaqueline Bartzen. Curitiba: UFPR, 2016. (42 minutos). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sTkzOqoiZVs>> Acesso em 15 mai. 2025.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Côrrea da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-303.

GALINDO, Caetano. **90**. Curitiba: Gazeta do Povo, 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/especiais/dalton-trevisan-90-anos/90-5q7lj3jdl69vv1vyl67mzadsq>> Acesso em 12 jun. 2025.

GAZETA DO POVO. **Na jugular do Vampiro** (especial em comemoração aos 90 anos de Dalton Trevisan). Curitiba: Gazeta do Povo, 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/especiais/dalton-trevisan-90-anos/>> Acesso em 11 jun. 2025.

GAZETA DO POVO. Alegria de Trevisan tem doze mil razões. In: ANDREOLI, Luiz. **O silêncio do Vampiro: o discurso jornalístico sobre Dalton Trevisan**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24856/O%20SILENCIO%20DO%20VAMPIRO%20DISSERTACAO.pdf?sequence=1>> Acesso em 12 mar 2025.

BARREIRO, Marcos. Conseguimos caçar o vampiro. In: MONTEIRO, Sueli de Jesus. **Dalton Trevisan: fragmentos e críticas (seguidos de antologia)**. Santa Catarina, 2000. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/78258/185374.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 14 mai. 2018.

MONTEIRO, Sueli de Jesus. **O vampiro não tem medo de crítica**. Curitiba: Instituto Memória, 2012.

MONTEIRO, Sueli de Jesus. **O vampiro não lê jornal... Ah, é?**. Curitiba: Instituto Memória, 2013.

MONTEIRO, Sueli de Jesus. In: MAROS, Angieli. **Histórias expõem linguagem elíptica e narrador esquivo**. Curitiba: Gazeta do Povo, 2015. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/especiais/dalton-trevisan-90-anos/historias->

expoem-linguagem-eliptica-e-narrador-esquivo- 19h0681xuariat9cv2p4azi2n2> Acesso em 12 mar. 2025.

MUSSA, José Assis. “Quando o contista vale mais que o conto”. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1972. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19720827-29880-nac-0241-lit-1-not>>. Acesso em 04 jun. 2025.

NAROZNIAK, Jorge. **Dalton, a 1ª entrevista**. Curitiba: Diário do Paraná, 1968. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&PagFis=68070&Pesq=Dalton%20Trevisan>> Acesso em 26 de mar. 2025.

OLIVEIRA, Luiz Claudio. **Os anos e aprendizado de Dalton Trevisan**. Curitiba: Gazeta do Povo, 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/especiais/dalton-trevisan-90-anos/os-anos-de-aprendizado-de-dalton-trevisan- 2ow3wkq09ux7i52dc2admigre>> Acesso em 18 mai. 2025.

PASSIANI, Enio. **Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams**. São Paulo: Estudos de Sociologia, Araraquara, v.14, n.27, p. 285-299, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1939/1577>> Acesso em 14 jun. 2025.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. Rio de Janeiro: Contexto, 2006.

PODER360. **Tiragem impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos**. Poder 360: Brasília, 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520- mil-exemplares-em-3-anos/>> Acesso em 07 jun. 2025.

RUPP, Isadora. **Curitiba tem uma aura "fria, quieta e sombria"**. Curitiba: Gazeta do Povo, 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/especiais/dalton-trevisan-90-anos/curitiba-tem-uma-aura-fria-quieta-e-sombria- 4eiva4lbcfff8oze5d9lkt5mt>> Acesso em 06 ju.. 2025.

SAPIRO, Gisèle. **The sociology of literature**. Translation of Madeline Bedecarré and Ben Libman. Stanford, California: Stanford University Press, 2023.

SANCHES NETO, Miguel. **Chá das cinco com o vampiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

_____. **Biblioteca Trevisan**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

TREVISAN, Dalton. **Até você, Capitu?** Porto Alegre: L&PM, 2013.

VILELA, Luiz. **A história do contador de histórias**. Jornal da Tarde, 1968. Disponível em <<http://gpluizvilela.blogspot.com/2012/06/luiz-vilela-55-anos-de-ficcao-5.html>> Acesso em 06 ago. 2025.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO: Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: O autor foi responsável pela pesquisa.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: O autor declara não haver nenhum tipo de conflito de interesse.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER: João Victor da Silva Simião é graduado em jornalismo (Unicesumar) e em ciências sociais (UEM), com mestrado em ciências sociais (UEM), com pesquisa relativa a escritores maringenses e a inserção deles no campo literário brasileiro.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.